

EXTRACAMPO: O VISÍVEL E O ENUNCIÁVEL – DOIS BREVES ESTUDOS

José Carlos Sachetti Júnior¹

Resumo: Por meio da abordagem de duas obras em vídeo, *Ciranda* (José Carlos Sachetti Júnior) e *Não é Sobre Sapatos* (Gabriel Mascaro), pensar em articulações pautadas nos conceitos deleuzianos, sobretudo de extracampo e agenciamento, e o desafio do anonimato no cinema e no audiovisual em geral.

Palavras-chave: Anonimato; extracampo; agenciamento.

Algumas das reflexões que seguem fazem parte de uma pesquisa de doutoramento ainda em fase preliminar. O ensejo de apresentá-las em um seminário consiste no sentido de partilhar questões, inquietações e devires que elas venham a suscitar; e, articular ideias que possam contribuir, assim se espera, para um enriquecimento da reflexão acerca dos estudos das conexões entre educação e visualidades.

Ao se debruçar sobre as definições de quadro e enquadramento, Gilles Deleuze traz seu entendimento a propósito do extracampo, qual seja, aquilo que “embora perfeitamente presente, não se ouve nem se vê” (DELEUZE, 1985, P. 27). Nesta apresentação para o VI Seminário Conexões, o conceito de extracampo (“hors-champ”) marca o ponto de partida para a análise de duas obras em vídeo: *Ciranda*, do autor destas linhas, e *Não é Sobre Sapatos*, de Gabriel Mascaro, presente na 31ª Bienal de São Paulo. Todavia, a ideia é não se circunscrever ou gravitar exclusivamente em torno das definições de extracampo, mas sim fazer uso do termo como disparador e assim estimular a discussão de outros conceitos deleuzianos, a exemplo de agenciamento, desterritorialização e máquinas desejantes.

As obras

*Ciranda*² é um vídeo produzido por ocasião da pesquisa de mestrado *Ciranda: Videodocumentário e Jovens em Situação de Risco* (SACHETTI JR, 2012). Esta obra audiovisual foi gestada em torno do engenho de um dispositivo imagético que não utilizasse recursos de pós-produção, tais como a inserção de tarjas, distorções e desfocalizações, para a abordagem de sujeitos cujos rostos não podem ser identificados³. A hipótese é que esses efeitos visuais potencializam esteticamente a marginalização em que esses sujeitos já estão colocados socialmente, ou melhor, servem para uma re-cognição da percepção do anônimo como perigoso, vergonhoso, coitado e outras formas negativas de registros e regimes daqueles que não podem aparecer na mídia, seja pela força da lei, seja pela inconveniência de certos padrões estéticos.

¹ Doutorando em Educação na FE-UNICAMP. E-mail: zecasachetti@gmail.com.

² Vídeo hospedado em <[http://www.youtube.com/watch?v= RHx6-uZqDQ](http://www.youtube.com/watch?v=RHx6-uZqDQ)>.

³ No caso, crianças e adolescentes vítimas de violência e de outras circunstâncias as quais o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) estabelece como “Situação de Risco”.



Fig. 1 – Ciranda

Não é Sobre Sapatos é uma instalação (vídeo e fotografia) que traz registros das manifestações de rua ocorridas em 2013, no Brasil. O ponto de vista, porém, é inusitado, vez que se trata de “[...] imagens supostamente produzidas e filmadas pelos policiais contra os manifestantes. [...] As imagens policiais mapeiam de forma sistemática os sapatos e os rostos dos manifestantes de forma a criar uma associação”⁴ com a finalidade de alimentar o sistema de inteligência da polícia, a partir da tática de infiltração. O argumento é que, durante as manifestações, a troca de roupas e o uso de máscaras dificultam a identificação, mas os manifestantes raramente trocam os sapatos, constituindo estes, portanto, um fácil elemento de detecção da identidade.



Fig. 2 – Não é Sobre Sapatos

⁴ Extraído da página do artista na Web <<http://pt.gabrielmascaro.com/Nao-e-sobre-sapatos>>.

Extracampo e que tais

Tanto em *Ciranda* quanto em *Não é Sobre Sapatos*, aquilo que não está presente nas imagens transborda de sentidos e significações, propiciando discussão sobre os agenciamentos manifestos e latentes nos vídeos, ou seja, a respeito daquilo que mistura o visível e o enunciável.

A não exibição dos rostos em *Ciranda* e a insistência nos sapatos em *Não é...* revelam, por um lado, “máquinas sociais” (o Estado e seus aparatos repressores e jurídicos) e, por outro lado, “máquinas desejantes” que “ao mesmo tempo em que se alimentam delas [das máquinas sociais] e as tornam possíveis, as fazem ‘fugir’”(ZOURABICHVILI, 2004, p. 35).

Estão aí presentes, igualmente, os dois polos dos agenciamentos: o polo que articula os agenciamentos sociais (chamado estrato ou “molar”), que por sua vez depende do polo abstrato (ou “molecular”) por meio do qual o indivíduo assimila, decodifica ou “faz fugir” o agenciamento estratificado. “Esse é o polo *máquina* abstrata (entre os quais é permitido incluir os agenciamentos artísticos)”. (ZOURABICHVILI, 2004, p. 09).

Voltando ao conceito de extracampo, Deleuze entende esse “embora perfeitamente presente, não se ouve nem se vê” sob dois aspectos, sendo que o primeiro designa o que pode vir a ser visto, como uma extensão espacial do recorte feito pelo enquadramento, e o segundo opera no sentido de lançar-nos a algo que não pertence necessariamente à ordem do visível. Desta maneira, o extracampo cumpre, também, função de desterritorialização, pois possibilita o movimento no qual se “deixa” o território do visível (efetivo ou em potencial) e abre caminho para o devir caracterizado pelo polo *máquina abstrata* dos agenciamentos.

Nossa questão se apresenta em um fluxo que pergunta como o anonimato conversa com o extracampo? Como a visibilidade funciona em relação aos dois aspetos do extracampo apresentados por Deleuze? E, ainda, qual a potência do audiovisual para fazer pensar o anonimato de forma positiva no registro daquilo que escapa à dimensão do visível?

Nos vídeos analisados neste trabalho, a positividade do anonimato está na ordem de suas produções. No caso de *Ciranda*, é uma proteção às crianças que estão reconstruindo suas vidas em programas de recuperação familiar. Já em *Não é Sobre Sapatos*, constitui uma forma do fazer político de maneira mais horizontal e despersonalizada.

Cremos que a positividade do anonimato é ainda uma questão pouco explorada no cinema e no audiovisual. No entanto, o conceito de extracampo em termos de algo que não está contido no domínio do visível, mas que funciona na análise e na produção audiovisual, ajuda-nos a potencializar essa questão.

Referências

DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: A imagem-movimento*. S. Paulo: Brasiliense, 1985.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: 34, 1995-1997.

SACHETTI JR., José Carlos. *Ciranda: Videodocumentário e Jovens em Situação de Risco*. 2012. 76 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2012.

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000870683>>.

ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2004. Disponível em: <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/wp-content/uploads/2010/05/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>>. Acesso em: 31/05/2015.

Vídeos

Ciranda. Dir. José Carlos Sachetti Júnior. Brasil. Brasil, cor, 09min, 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=RHx6-uZqDQ>>.

Não é sobre sapatos. Dir. Gabriel Mascaro. Brasil, cor, 14min, 2014.